

Nota do Autor

Sem o apóstolo Paulo, não haveria cristianismo. Ele viajou pelo Império Romano, espalhando o evangelho de Jesus. Se não fosse por Paulo, a nova doutrina teria ficado confinada à Palestina e ao pequeno grupo de seguidores iniciais. No ano de 70, Jerusalém foi destruída pelos romanos e os judeus foram forçados a deixar o país. A seita cristã teria sido dissolvida nas brumas do tempo. Acima de tudo, Paulo foi o primeiro a confiar sistematicamente as ideias de Jesus de Nazaré ao papel. Nas cartas encorajadoras que escreveu para as congregações que fundara, surgiu, pela primeira vez, uma doutrina do cristianismo.

O mais extraordinário é que Paulo nunca encontrou Jesus. De acordo com as suas palavras, Paulo começou por ser um fanático perseguidor de cristãos. No entanto, converteu-se quando estava a caminho de Damasco, onde pretendia prender cristãos e levá-los para Jerusalém. Conta que Jesus lhe apareceu numa visão e, a partir desse momento, Paulo tornou-se o seu discípulo mais fervoroso.

De regresso a Jerusalém, Paulo entrou em conflito com os discípulos de Jesus, pois consideravam que contradizia o que eles tinham ouvido Jesus dizer. De acordo com Paulo, a circuncisão não era condição para se ser um seguidor de Jesus. Declarou ainda que as leis alimentares não eram vinculativas — as pessoas podiam comer o que quisessem. Os discípulos declararam que, enquanto foi vivo, Jesus nunca havia demonstrado interesse por não-judeus e que a sua

mensagem era dirigida exclusivamente ao povo judeu. Concordaram então que Paulo iria espalhar as boas novas fora da Palestina, enquanto eles se concentrariam nos judeus da Palestina.

Sempre fui fascinado pela figura de Paulo. Como é que este homem se tornou no mais ardente defensor de Jesus? Como é possível que a sua versão do cristianismo se tenha tornado dominante, quando tanto contradiz o que o próprio Jesus ensinou? É um mistério ao qual os estudiosos bíblicos, passados quase dois mil anos, ainda não encontraram uma resposta definitiva.

Neste livro, investigo esta questão. Será que Paulo tinha outras intenções? Terá introduzido ideias pagãs no cristianismo de forma disfarçada? Afinal, Paulo cresceu em Tarso, atual Turquia, o centro do culto de Mitra, um deus nascido de uma virgem numa caverna a 24 de dezembro. Neste culto, os seguidores comemoram a morte redentora do seu deus com uma refeição de pão e vinho, simbolizando o corpo e o sangue...

Prólogo

Mérida (Hispania), 72 d. C.

O carrasco crava o punhal afiado no ventre do condenado, abrindo-o ao meio de um só golpe. Uma torrente de sangue irrompe como água através das paredes de um dique. O homem grita, em agonia, quando os intestinos lhe pendem até aos joelhos como finas serpentes. A seguir vêm os falcoeiros, com as águias equilibradas nas luvas de cabedal. Os bicos aguçados das aves arrancam grandes pedaços, sôfregos, do fígado exposto da vítima. Os três outros homens, amarrados a postes de madeira e chicoteados, condenados ao mesmo destino, debatem-se desesperadamente para fugir.

O público está em êxtase. Este anfiteatro, contruído durante o reinado de César Augusto, é suficientemente grande para receber dezasseis mil pessoas. Hoje, todos os lugares dos três anéis encontram-se ocupados.

Depois do *venatio*, a encenação de uma caçada a animais exóticos, vem o espetáculo das execuções públicas. Durante o desinteressante ato de abertura, em que alguns criminosos foram decapitados, muitos aproveitaram a oportunidade para se aliviar nas latrinas das catacumbas.

As execuções são inspiradas por histórias da Grécia Antiga, e o público aprecia a criatividade com que são levadas a cabo. Depois de as águias se terem saciado com as entranhas e os quatro homens terem morrido — tal como na história de Prometeu —, quatro rampas

de madeira são levadas sobre rodas para a arena. No meio de cada rampa, um enorme pedregulho. Os condenados são trazidos para recriarem a tarefa de Sísifo de rolar os pedregulhos até ao alto das rampas, façanha que naturalmente não conseguem realizar. O som dos seus ossos a ser esmagados eleva-se até ao terceiro anel.

Outro grupo é enviado para a arena escaldante. Estão sem comer e sem beber há vários dias, e agora devem tentar alcançar o pão e os jarros de água suspensos das bancadas em longas varas. Para gáudio da multidão, mesmo antes de os condenados os agarrarem, as varas são elevadas bem acima da sua cabeça, tornando o pão e a água tão inalcançáveis como o eram para Tântalo. Quando a atenção do público começa a esmorecer, é largada uma matilha de cães famintos para despedaçar os homens.

A seguir, oito homens cobertos de óleo e de pez são levados para a arena e atados a postes. Rapazes romanos, nenhum com mais de doze anos, disparam flechas incendiadas contra os prisioneiros até estes começarem a arder. As vítimas gritam à medida que o sem-fim chamejante se aproxima, e um murmúrio de aprovação percorre o anfiteatro. Isto pode não ter sido inspirado por nenhuma história grega, mas é uma novidade.

Um espetador atrasado avança para as bancadas e procura um lugar no final de um dos bancos corridos. É baixo, com pernas arqueadas, mas tem ar robusto e sobrancelhas que se unem por cima do nariz comprido. É carismático e irradia a serenidade de um anjo. Uma breve olhadela para o jovem que já está sentado no final do banco é o suficiente para se abrir um espaço para ele. Ocupa o lugar e coloca o seu pequeno jarro de terracota no solo, junto aos pés.

Enquanto os criminosos mortos são arrastados para fora da arena e as manchas de sangue são cobertas com areia fresca, músicos e bobos fazem o que podem para entreter o público. A multidão aclama quando vê dezenas de rapazes e raparigas entrar nas bancadas transportando enormes cestos de pão. A distribuição de pão nos jogos começou em Roma dois anos antes e tornou-se tão popular entre os plebeus que depressa se estendeu a todos os cantos do Império. Os rapazes e raparigas sobem os degraus, atirando pedaços de pão à multidão. Uma floresta de braços estende-se para os apanhar. Uma vez

agarrados, desaparecem debaixo das capas, deixando as mãos livres para apanhar outro pedaço de pão.

«*Panem et tauros*», diz o jovem com ar trocista para o velho sentado ao seu lado. Pão e touros. Agarra no pedaço de pão que lhe caiu fortuitamente no colo e, sem olhar, maldisposto, atira-o para trás, num enorme arco.

Mas foi por isto que a maior parte das pessoas ali se deslocou hoje — pelo pão e, principalmente, pela tourada.

O *editor muneris*, o responsável pelos jogos, ordenou que soltem o touro elevando o braço num impressionante *saluto romano*. Um coro de aclamações ensurdecedoras enche a arena. O *editor* olha à volta, para a multidão e, satisfeito, torna a deitar-se no canapé. Pega num pequeno cacho de uvas, sobre a mesa ao seu lado, e concentra a atenção na entrada daquele touro gigantesco que salta selvaticamente. O animal foi alimentado à força com sal durante dias, sem que lhe fosse consentida uma gota de água. Passou as últimas vinte e quatro horas num curral demasiado pequeno para o seu enorme volume, ao mesmo tempo que lhe espancavam o ventre com sacos de areia para causar hemorragias internas. O jogo estava viciado mesmo antes de ter começado. Hoje, não pode ganhar.

Agora, os *ministri*, os ajudantes, entram na arena. Provocam o touro com capas enormes, avaliando a sua força, a inteligência e o espírito de luta. Agitam os panos de cores vivas com grande bravata, esquivando-se habilidosamente às investidas. Arquejos de temor descem desde as bancadas até à arena, como as águas de um rio precipitando-se pela encosta de uma montanha. O touro é considerado merecedor do combate. Quatro *venatores*, caçadores, entram a cavalo pelos quatro portões do terreno de luta, cada um empunhando um *verutum*, uma lança de caça, na mão direita. Entram como deuses, usando apenas uma tanga. Entretecidas nos cabelos, têm pontiagudas folhas de louro. Os cavalos, protegidos por pesada armadura, estão assustados, mas as cordas vocais foram-lhes cortadas e não podem soltar qualquer som.

Aproximam-se do touro vindos de quatro direções, e o animal não sabe que cavalo deve atacar. Mas o círculo vai-se fechando, e o touro vê-se obrigado a carregar sobre o cavaleiro mais próximo.

Assim que se aproxima de um dos cavalos, o cavaleiro levanta-se nos estribos para mergulhar o *verutum* no pescoço do touro, apoiando nele todo o peso do seu corpo. Os *venatores* carregam sobre o touro, um após outro, ferindo-lhe o pescoço pelo menos uma vez, antes de se retirarem no meio de fortes aplausos. O animal está aturdido e a cabeça pende-lhe, com o sangue a gotejar-lhe das feridas.

Chega então o *mactator*, a vedeta, o matador do touro. Parece mais uma montanha, vestido com uma túnica curta e simples, os braços nus e as pernas protegidas. Em cada uma das mãos empunha uma vara do comprimento do braço, decorada com fitas e terminando numa farpa. Avança para o touro em linha reta. Quanto maior a determinação que demonstrar ao percorrer aquela linha invisível, mais a multidão lhe admira a coragem. O público voltou a sentar-se e, em vez das aclamações e dos gritos que momentos antes teriam impossibilitado qualquer conversa, está agora em silêncio, sustendo a respiração num ato coletivo. O touro responde à ameaça virando-se para ele e raspando na areia com a pata. Com um som gutural, o *mactator* chama a atenção de toda a arena. Quando se encontra a escassos passos do touro, este ataca. O *taurarius*, o toureiro, roda habilmente esquivando-se ao ataque e, antes de terminar a pirueta, crava uma lança farpada entre as omoplatas do touro. A arena explode de alegria, tão gracioso foi o movimento, tão perfeita e precisa a cravação da lança. Agora, o *mactator* foge do touro. Depois, volta a aproximar-se dele e, com um salto impressionante, crava a segunda lança junto da primeira.

Os que pensam que o touro desistiu, enganaram-se. O animal parece saber que aquela é a última oportunidade de ferir o atacante. Reúne todas as forças para erguer a cabeça, com golfadas de sangue a jorrar-lhe das feridas e longos fios de baba a pender-lhe da boca.

O *taurarius* aproxima-se do camarote do *editor*, dobra um dos joelhos na areia e baixa a cabeça. O *editor* faz um pequeno gesto de assentimento, após o que o *venator* que está junto do portão leste avança para colocar uma cobertura especial na cabeça do *mactator* — um chapéu cônico, mole, vermelho, com uma ponta caindo para a frente — e lhe entrega o *linteum*, o meio círculo de flanela vermelha enrolado numa haste de madeira.

O *taurarius* caminha de novo até junto do touro. Agita o tecido procurando arreliá-lo e, não se sabe de onde, o animal retira energia para mais algumas investidas desesperadas. O entusiasmo do público incita o toureiro a correr riscos maiores. É a fase mais perigosa. Um momento de distração pode ser fatal. O touro, atordoado pela dor e pelo medo, podia ainda ferir mortalmente o *mactator* numa última tentativa de evitar a morte, perfurando-lhe com os cornos o ventre desprotegido.

Mas o som libertador de uma trombeta ecoa já, e o *venator* apressa-se a sair de junto do portão oeste. Numa das mãos empunha uma espada leve e curva — com punho em forma de serpente, a *falcata* — e, na outra, uma tocha a arder. Entrega a *falcata* e toma posição atrás do flanco esquerdo do touro. Chegou a *hora veritatis*, a hora da verdade, em que o *mactator* porá fim ao sofrimento do touro mergulhando a espada entre as omoplatas do animal e perfurando-lhe o coração.

Está de pé, à frente do animal exausto, demasiado cansado sequer para levantar a cabeça. Coloca-lhe a mão na testa e obriga-o a baixar a cabeça, num movimento floreado que arranca suspiros de admiração da multidão.

Um dos *ministri* acorre, vindo do lado leste da arena. Traz um cálice de prata numa das mãos e, na outra, uma tocha a arder que aponta para o chão.

O touro jaz no chão, e o *mactator* monta-se nele, com um joelho sobre o quarto traseiro esquerdo e a outra perna no chão. Puxa-lhe a cabeça para trás, agarrando-lhe num chifre com a mão esquerda, e levanta o braço. A lâmina da *falcata* cintila ao sol. E, a seguir, com um golpe de mestre, o homem baixa a espada e corta a garganta da besta com grande perícia. O sangue jorra, ensopando a areia com um forte jato, até o animal sucumbir. A espada curva foi cravada tão profundamente que a serpente do punho parece lambe a ferida do touro.

«*Sanguis eius super nos et super filios nostros.*» O velho nas bancadas murmura uma prece de esperança. Que o seu sangue caia sobre nós e sobre os nossos filhos.

O *mactator* esfrega as mãos no rosto, como se se lavasse com o sangue. É uma visão aterradora. O sangue misturou-se com a areia e

o suor, mas ele parece indiferente e olha fixamente para um longínquo ponto imaginário.

«*Et nos servasti eternali sanguine fuso*», sussurra o velho. E também nos salvaste por terdes derramado o sangue eterno. O homem tira um naco de pão da manga e arranca-lhe um pedaço, ao mesmo tempo que olha, atento, para o que se desenrola na arena.

O *taurarius* levanta uma vez mais a lâmina, para cortar um pedaço de carne do touro. Mostra-o ao público, depois leva-o à boca e engole-o.

«*Accipite et comedite, hoc est corpus meum quod pro vobis datur.*» Tomai isto e comei; é o meu corpo, que vos é dado.

O velho fecha os olhos, leva o pedaço de pão à boca e mastiga-o pensativamente, como se provasse o pão pela primeira vez.

O *mactator* toma o cálice das mãos do *venator* que está atrás de si e enche-o de sangue do pescoço do touro. Mostra-o à multidão, antes de o despejar de um só gole.

«*Bibite, hic est sanguis meus qui pro multis effunditur.*» Bebei, este é o meu sangue derramado para muitos. O velho pega num pequeno jarro de terracota colocado por baixo do assento. Retira-lhe a rolha de cortiça e bebe, faz girar o vinho na boca e engole-o.

A multidão eufórica grita o nome do *taurarius* e este levanta-se para dar início à volta vitoriosa à arena. Entretanto, um *venator* retira os testículos do touro com uma tesoura em forma de escorpião. Acredita-se que estes são um poderoso afrodisíaco e serão mais tarde oferecidos ao *editor*.

«*Iste, qui nec de corpore meo ederit nec de mea sanguine biberit ut mecum misceatur et ego cum eo miscear, salutem non habebit.*» O velho termina o ritual. Aquele que não comer da minha carne e não beber do meu sangue, para que em mim permaneça e eu permaneça nele, não conhecerá a salvação.

Um cão fugido das catacumbas aproveita para se aproximar do touro e lambe o sangue que ainda lhe escorre pelo pescoço. Um *minister* desfere-lhe um pontapé certo na barriga, e o cão foge a correr, com os dentes e o focinho vermelhos.

As pessoas levantam-se, agitando panos brancos para mostrar o apreço pela valentia do *taurarius* e a elegância com que ele lutou.

Um grupo de homens salta para a arena e levanta o toureiro em ombros. Transportam-no em triunfo perante a multidão, que faz chover sobre ele coroas e flores. Duas cordas são atadas às patas traseiras do animal sem vida. Uma parte dos aplausos é sem dúvida dedicada ao touro, deixando um rasto de sangue no chão. Nessa noite, a sua carne será servida à mesa das famílias abastadas da cidade. Será paga uma pequena fortuna pela cauda, uma iguaria depois de estufada com cebolas e vinho.

O velho levanta-se e deita um último olhar à arena e onde o rasto de sangue é já a única prova da luta desigual que ali se travou hoje.

«*Consummatum est*», diz ele, satisfeito. Terminou.